

Os linguistas populares e as *não-reincidências* do seu dizer metalinguístico: discurso – estrutura, acontecimento e inventividade?¹

Folk linguists and the non-recurrence of their metalinguistic utterances: discourse—structure, event and inventiveness?

Roberto Leiser BARONAS²

Sou mais a palavra ao ponto de entulho. Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las, - até que padeçam de mim e me sujem de branco.

Manoel de Barros

¹ Este artigo é carinhosamente dedicado a dois grandes Amigos, que nos deixaram recentemente, o Felipe Michelin, nosso Aluno Brilhante do Bacharelado em Linguística, que estagiou comigo na UFSCar, traduziu inclusive a conferência do Dennis Preston, ministrada em 2023 no II Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular – SIELIPop e o Sr. Gerê, Geremias Emílio dos Santos, um verdadeiro *Almanaque do Pensamento* com quem tive o prazer de dialogar sobre a vida, o futebol, a política, a agricultura e trocar muitas empulhas. Acho que agora eles estão fazendo isso tudo com os caras do céu.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela FCL/UNESP-Car, Professor Titular no Departamento de Letras - DL, no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e Pesquisador do CNPq. Orcid: 0000-0003-0758-0370 E mail: baronas@ufscar.br

Resumo: Neste artigo, tomamos como observável de pesquisa um conjunto de *posts* publicados no perfil da rede social Instagram @amandinhamenelau. Os *posts* analisados discutem do mirante de uma metalinguagem, baseada na experiência e na inventividade das pessoas, um conjunto de expressões linguísticas mobilizadas no filme *O Agente Secreto*. Com base nessa coleção de exemplos, o objetivo primeiro do texto, independentemente de seus desejos, é pensar em possíveis contribuições teóricas dos linguistas populares para os estudos discursivos. Nesse sentido, embora a discussão não seja exaustiva, alargando a compreensão de Pêcheux (1983/2008), de que o discurso é a um só tempo estrutura e acontecimento, a partir dos dados mobilizados, é possível asseverar que o discurso é também constitutivamente a possibilidade da inventividade.

Palavras-chave: Linguística popular; estudos discursivos e inventividade.

Abstract: *In this article, we take as our research corpus a set of posts published on the Instagram profile @amandinhamenelau. The posts analyzed discuss, from the perspective of a metalanguage grounded in people's experience and creativity, a set of linguistic expressions featured in the film *The Secret Agent*. Based on this collection of examples, the primary objective of this text, regardless of its intentions, is to consider possible theoretical contributions from popular linguists to discourse studies. In this sense, although the discussion is not exhaustive, expanding on Pêcheux's (1980/2008) understanding that discourse is simultaneously structure and event, based on the data analyzed, it is possible to assert that discourse is also constitutively the possibility of inventiveness.*

Keywords: *Folk linguistics; discourse studies e inventiveness*

Primeiras palavras

Desde de 2020, temos³ trabalhado com muito afinco para criar as possibilidades de irrupção de um novo domínio no campo dos estudos linguísticos brasileiros, a Linguística popular (doravante, vez ou outra, LP). Com essa pauta acadêmico-política no horizonte, organizamos seminários internacionais e nacionais, autoramos, co-autoramos livros, capítulos e artigos em periódicos nacionais e internacionais, organizamos dossiês temáticos em revistas, criamos no YouTube um canal de LP, apresentamos trabalhos em eventos da Linguística e da Linguística Aplicada, orientamos TCCs, ICs, mestrados, doutorado e supervisionamos pós-doutorados, traduzimos textos de grandes nomes da área, participamos de mesas-redondas, concedemos

³ O uso da primeira pessoa no plural não tem a ver com o plural de modéstia, mas sim com o trabalho de um coletivo de pesquisadores/as que constituem o albergue de ideias, Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais – LEEDiM/UFSCar/CNPq – e que tem se dedicado com muito esmero à institucionalização da Linguística popular no Brasil. <https://www.instagram.com/leedim.ufscar/>

entrevistas, submetemos projetos de pesquisa, ensino e extensão a agências de fomento, criamos um Grupo de Trabalho – GT, junto à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - ANPOLL.

Enfim, para não me estender muito, tomo o refrão da música *Estrada* do Grupo Cidade Negra, como representação metonímica de um árduo percurso coletivo de trabalho: *Você não sabe o quanto eu caminhei. Pra chegar até aqui. Percorri milhas e milhas antes de dormir. Eu nem cochilei. Os mais belos montes escalei. Nas noites escuras de frio chorei, ei, ei, ei. Ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei.*

Todo esse trabalho, mesmo que algumas Associações brasileiras como o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo - GEL, a Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN e a Associação de Linguística Aplicada do Brasil - ALAB, não inscrevam a LP dentre as suas áreas temáticas⁴ nos eventos oficiais que organizam, o que de certa forma é um não (re)conhecimento ou a atribuição de um lugar paratópico, marginal (Maingueneau, 2006 e 2010) para o campo, junto às demais ciências da linguagem, a Linguística popular é hoje um domínio de estudos da linguagem consolidado no cenário acadêmico brasileiro. É preciso dizer que esse lugar paratópico da LP, dentre as ciências da linguagem praticadas no Brasil, por mais paradoxal, que possa parecer, é relativizado pelas Associações, pois tanto a ABRALIN quanto o GEL já publicaram em seus periódicos artigos e dossiês nossos no âmbito da Linguística popular.

O problema de pesquisa

Apresentado esse breve panorama da Linguística popular, no contexto linguístico brasileiro, passo a me ocupar do objetivo central deste artigo que é refletir sobre possíveis contribuições teóricas da LP, notadamente para os estudos discursivos praticados em solo brasileiro. A motivação para levar a cabo tal objetivo tem a ver com questionamentos que nos eram/são feitos por colegas quando da apresentação de trabalhos em diversos eventos. Com efeito, era/é muito recorrente ao final das nossas apresentações, algum

⁴ Veja por exemplo as áreas temáticas eleitas para o 71 Seminário do GEL de 2026: <https://www.gel.org.br/eventos/seminario-2026/areas-tematicas-2026>

participante fazer a seguinte pergunta: “as análises apresentadas foram feitas com o aparato da análise do discurso num diálogo com a Linguística popular e, especificamente esse campo, a LP, com o que contribui teoricamente para a AD e/ou para outro domínio ou subdomínio das ciências da linguagem?”

Nesses congressos, muitas vezes por conta da exiguidade do tempo, embora insistíssemos no caráter integracionista da LP com as demais ciências da linguagem, acabávamos não tendo condições de dar respostas mais consistentes. Com intuito responder aos questionamentos que nos foram feitos, inicialmente apresento e comento de forma bem breve uma pequena série de posts publicados no perfil da rede social Instagram⁵ @amandinhamenelau. Predominantemente esse perfil se dedica a explicar de um ponto de vista metalinguístico e de forma bem-humorada termos, expressões, frases que são utilizadas em diferentes variedades linguísticas do nordeste brasileiro. Na página inicial do perfil está postado: “A menina dazaula e durvidio”.

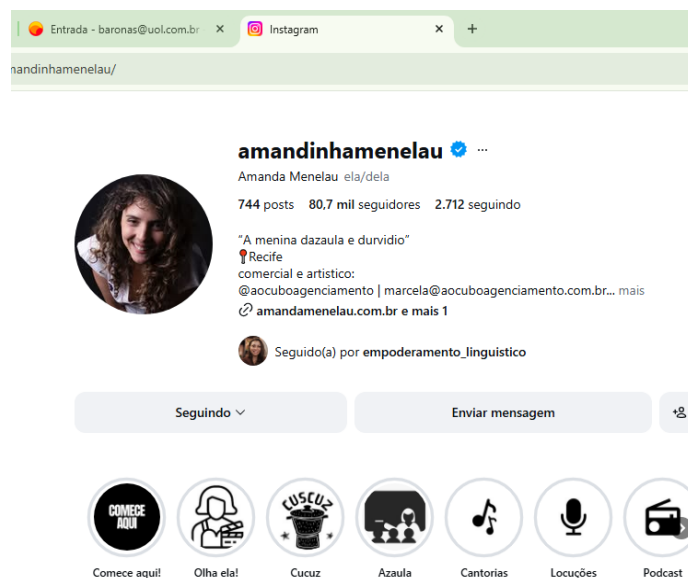


Imagem 01

Para efeito de objetividade, vou me concentrar aqui nos posts que comentam metalinguisticamente algumas expressões utilizadas no filme *O Agente Secreto*, que concorreu ao Oscar, em março último. Mais especificamente vou tomar um vídeo em que a *influencer*, responsável pelo

⁵ Embora mobilizemos dados que circulam no ambiente digital, não trabalharemos com as propostas de Marie-Anne Paveau (2017/2021), apresentadas em sua obra *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*.

perfil, Amanda Menelau explica a expressão “caba”, o verbo “raparigar” e o uso do pronome “tu”. Esse vídeo foi publicado em 11 de março de 2026.

Convém destacar que Amanda Menelau em entrevista concedida ao programa *Metrópolis* da TV Cultura⁶, falando sobre essas expressões mobilizadas no filme, afirmou que não tem formação nenhuma na área de Letras ou de Linguística, portanto ela se enquadra na categoria, postulada por Paveau (2018/2020), de linguista popular.

A seguir, num primeiro momento, recortamos uma sequência de imagens nas quais Amanda Menelau apresenta metalinguisticamente algumas expressões e termos mobilizados no filme *O Agente Secreto*. Trata-se de uma cenografia de uma aula de português. Depois, apresentamos a transcrição⁷ das falas do vídeo.

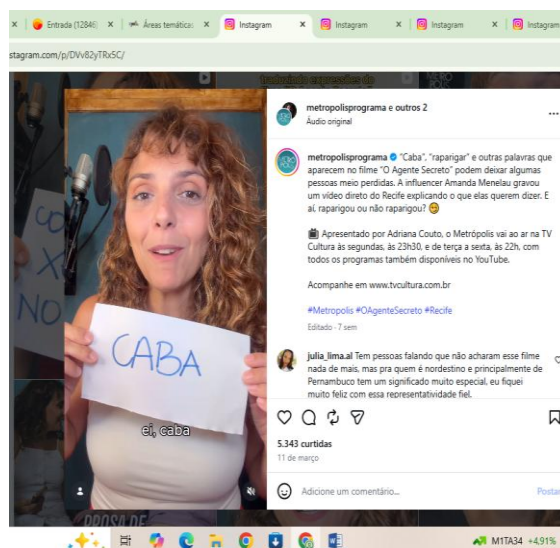


Imagem 02

⁶ Esse programa foi ao ar no dia 13 de março de 2026 e pode ser acesso livremente no endereço: <https://www.instagram.com/reel/DVv82yTRx5C/>

⁷ Agradeço deveras o Colega e Amigo Stelyo Rubens de Souza por gentilmente realizar todo o trabalho de transcrição do vídeo de Amanda Menelau.

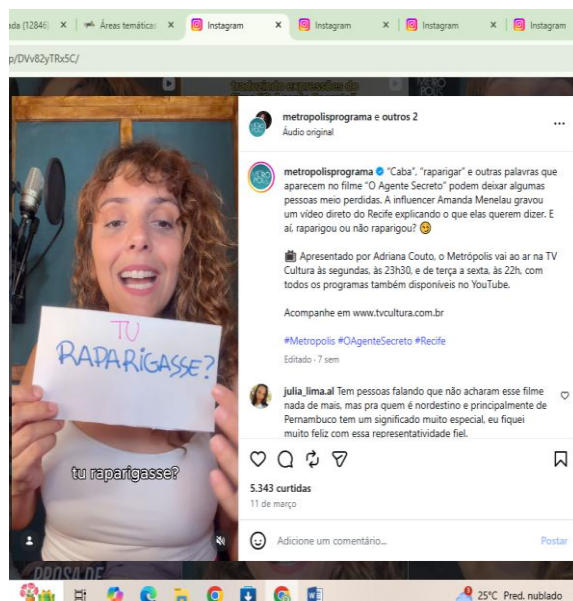


Imagem 03

Apresentadora: Ei, caba, presta atenção aqui: semana de Oscar e nada mais justo do que vocabulário de cinema, né?

Nesse momento aparece uma cena de “O Agente Secreto”

Personagem 1: Tu é policial?

Personagem 2: Eu não. Sou policial, não.

Personagem 1: Maior pinta de policial, o caba ó.

Apresentadora do vídeo: bom, diálogo curtinho, mas cheio de coisa lindamente nossa, começando com “tu é policial?” Tu , aqui a gente tem uma predileção do tu em relação a você, mas repare que o pronome muda, mas a conjugação permanece a de “você”. É isso mesmo que você escutou... Aqui a gente usa o tu com a conjugação da terceira pessoa. Salvo uma exceção que depois eu falo. Bora seguir. Aí na resposta dele, a gente tem outra coisa bem nordestina, que é a nossa negação. A gente afirma pra depois negar, “SOU policial NÃO”. A gente não responde “não sou policial”, aliás se tu pergunta a alguém, mulher tem um bolinho aí? E a pessoa responde: não tem. Responder com o não na frente pra gente soa de uma grosseria sem tamanho. Então é, tem não, vou não, quero não. (nesse momento, aparece o vídeo da música com a letra “Vou não! Quero não! Posso não!”);

Apresentadora do vídeo: Entendesse? E finalmente chegamos ao assunto principal dessa aula: o caba. Que que é o caba, minha gente? Caba é

homem, ÔMI. Começou como cabra, mas rapidamente a gente engoliu esse r e virou caba. Curiosamente a caprina continua sendo a cabra, é bom até que diferencia né, “a cabra”, “o caba”. Caba só não é homem quando é dito por uma mulher que tá ali à beira de perder a sua sanidade e diz “ e o caba vai endoidar, é?”. Nesse caso, “o caba” sou eu mesma, ou qualquer pessoa que esteja contando a história, seja homem, mulher, menino, menina, no mais, caba é homem e pode ser usado para qualquer situação, em qualquer lugar da frase, e tem vários tipos de caba.

OS POSITIVOS, “caba apumado danado”, óia pra isso...que caba arretado!” , “ali é um caba da peste mesmo, viu?”.

OS NEGATIVOS, “vixe, maria, que caba desmantelado”, “ói, caba ruim do cranco, ele!” , “mulher que que tu quer com um caba malamanhado desse, ein?”.

E OS DE PERSONALIDADE DUVIDOSA, como bem cantou Kelvis Duran em: (nesse momento, aparece o vídeo com a letra da música desse cantor: “Eu sou caba raparigueiro, gosto de raparigar, raparigar é minha sina”) Caba raparigueiro, este que também está presente em “O Agente Secreto”:

Nesse momento aparece mais uma cena do Filme:

Personagem 1: Tu raparigasse muito, não foi?

Personagem 2: Porra que conversa é essa, ein, seu Alexandre, essa hora?

Apresentadora do vídeo: entendesse? Ah presta atenção na pergunta dele, “tu raparigasse”? E é justamente aqui que a gente tem a exceção do tu. O tu ele só não se conjuga como você quando vai pro pretérito perfeito, e aí a gente pega emprestado a conjugação do subjuntivo, não é raparigaste, é raparigasse, parece complexo, mas no dia a dia vai pegando, e uma dica massa é tu consumir o cinema nacional produzido fora do eixo Rio-São Paulo. Assim, tu vai poder observar o jeito de cada lugar falar, sem ficar preso aos estereótipos que são frequentemente reproduzidos quando só o sudeste fala pelo Brasil inteiro.

Discussão teórica

Os dados metalinguísticos acima transcritos do vídeo de Amanda Menelau nos mostram entre outras possibilidades que a metáfora futebolística “Ganhamos”, que serviu de materialidade empírica para a hipótese teórica de Michel Pêcheux (1983/2008), de que a língua é num mesmo movimento estrutura e acontecimento, mesmo com fenômenos linguísticos distintos dos quais o filósofo francês trabalhou, continua muito pertinente e produtiva. Nesse sentido, em resenha sobre o livro *Discurso: estrutura ou acontecimento*⁸, nos diz Fonseca (2010, p. 146):

Pêcheux percorre e entrecruza três instigantes caminhos para empreender uma reflexão sobre o discurso como estrutura e como acontecimento. O primeiro é propriamente uma análise discursiva, daquelas que abrem um vasto horizonte e nos convidam a seguir. Com o anúncio, na noite de 10 de maio de 1981, do resultado do segundo turno das eleições presidenciais francesas, milhares de pessoas, esfuziantes, reúnem-se na Praça da Bastilha e em muitas outras praças do país e entoam gritos de vitória, dentre eles um que se espalha e gruda no acontecimento: “*On a gagné!*”, “ganhamos!”. Temos então uma imagem semelhante à da final de um campeonato de futebol, sobretudo pela forma espetacular e midiática com que ela é transmitida e retransmitida. Nesta mesma noite o acontecimento é debatido (e conjurado...) pelos analistas políticos no “especial-eleições” da TV, que evocam diferentes enunciados, tendo alguns destes já prefigurado discursivamente o acontecimento antes mesmo das eleições, na esperança de antecipar (de forma controlada) ou de evitar a sua vinda. Na transmissão em “mão única” da mídia corporativa os que ficam sentados a assistir não estão na frente das câmeras. Trabalhando um conteúdo político para este resultado ao mesmo tempo transparente e opaco, evidente e equívoco, ao “ganhamos” daquela noite somar-se-ão enunciados que minimizam ou “burocratizam” a dimensão do acontecimento (*F. Mitterrand é eleito presidente da República Francesa*), assim como enunciados imbuídos em aterrorizar o público mais aterrorizável (*A coalização socialista-comunista se apodera da França*), dentre outros. Em meio a este denso confronto discursivo, num jogo metafórico incessante (mas também parafrástico), é que o

⁸ Traduzido para o português pela Profa. Eni Orlandi e transformado em livro no Brasil, este texto foi inicialmente apresentado por Michel Pêcheux na conferência “Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições”, realizada na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, de 8 a 12 de julho de 1983.

acontecimento daquela noite vai sendo sobredeterminado por redes de memória capazes de o absorver em suas séries.

Ao pensar no discurso como estrutura e acontecimento, isto é, o discurso como possibilidade do equívoco, Pêcheux nos mostra que a univocidade lógica, supostamente inerente à estrutura linguística não se sustenta quando beliscada pelo acontecimento. É essa interpelação acontecimental enquanto equívoco que coloca à prova a estrutura. Equívoco é entendido por Pêcheux como a possibilidade de o sentido ser outro. Com efeito, é por conta do acontecimento, do equívoco, notadamente aqui *O Agente Secreto*, que é da ordem do discurso, que foi possível (re)produzir todo um conjunto de saberes metalinguísticos sobre os termos “caba” e “raparigar”, por exemplo. Sem *O Agente Secreto* não fazia muito sentido perguntar o que significa “caba” e/ou “raparigar”, dada a suposta univocidade lógica da organização linguística. A questão aqui vai muito além de um simples problema semântico (*raparigar* como sinônimo de *trair*) ou de variação linguística *caba* como variação de *cabra*). Foi o filme enquanto acontecimento, equívoco por conta de toda a sua repercussão que fez com que esses termos se tornassem prenes de sentidos. Todavia, nem todos os sentidos são possíveis. No caso em questão, tem privilégio os de natureza metalinguística. Todavia, não uma metalinguagem científica – *cabra* – “Animal mamífero do gênero *Capra*, da família dos bovídeos, com chifres ocios, arqueados para trás, que compreende várias espécies; fêmea do bode (...)” - mas uma metalinguagem que tem a ver com a história de vida e a capacidade inventiva das pessoas – *caba* – “é homem, ÔMI. Começou como cabra, mas rapidamente a gente engoliu esse r e virou caba. Curiosamente a caprina continua sendo a cabra, é bom até que diferencia né, ‘a cabra’, ‘o caba’. Caba só não é homem quando é dito por uma mulher que tá ali à beira de perder a sua sanidade e diz ‘e o caba vai endoidar, é?’ Fenômeno similar se dá com o *raparigasse*: “Ah presta atenção na pergunta dele, ‘tu raparigasse’? E é justamente aqui que a gente tem a exceção do tu. O tu ele só não se conjuga como você quando vai pro pretérito perfeito, e aí a gente pega emprestado a conjugação do subjuntivo, não é raparigaste, é raparigasse”.

A meu ver, independentemente dos seus desejos, aí residiria uma das contribuições que os linguistas populares poderiam oferecer aos estudos do discurso, isto é, o discurso, além de estrutura e acontecimento - como demonstrou com maestria o filósofo Michel Pêcheux (1983/2008) - é, em sua constituição, inventividade. Inventividade não apenas no sentido de criação, mas também no de artifício ou trapaça. O consagrado Barthes (1980, p. 17) já nos chamava a atenção para o fato de que a língua é um espaço de trapaça: “porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro”. Nessa mesma linha, em seu conto "Famigerado", ao colocar em diálogo um locutor que pergunta a outro o significado do termo famigerado, Guimarães Rosa reafirma literariamente o caráter enganoso da língua.

A tipologia proposta pela *influencer* Amanda Menelau para o termo *caba* me parece lapidar da possibilidade inventiva do discurso:

(...) tem vários tipos de caba.

OS POSITIVOS, “caba aprumado danado”, óia pra isso...que caba arretado!” , “ali é um caba da peste mesmo, viu?”.

OS NEGATIVOS, “vixe, maria, que caba desmantelado”, “ói, caba ruim do cranco, ele!” , “mulher que tu quer com um caba malamanhado desse, ein?”.

E OS DE PERSONALIDADE DUVIDOSA, como bem cantou Kelvis Duran em: (nesse momento, aparece o vídeo com a letra da música desse cantor: “Eu sou caba reparigueiro, gosto de reparigar, reparigar é minha sina”) Caba reparigueiro, este que também está presente em “O Agente Secreto”:

Se olharmos para o conceito de metalinguagem enquanto discurso científico, constataremos que ele oferece pouco ou nenhum espaço de manobra para os falantes, pois sabiamente como nos ensina Barthes (1980, p.12) toda “língua como desempenho de toda a linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. Todavia, a metalinguagem empregada pelos linguistas populares, como a de Amanda Menelau, é de outra natureza. Ela se baseia na história de vida e na capacidade inventiva das pessoas. Esse tipo de metalinguagem é da ordem da trapaça, mas uma “trapaça salutar, uma esquiva, um logro magnífico, que permite ouvir a língua

fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente de linguagem” (BARTHES, 1980, p. 16).

Considerações semifinais

Possenti, em diversos livros, capítulos e artigos, notadamente os que analisam gêneros humorísticos (piadas, charges, chistes, quadrinhos...) tem chamado a nossa atenção para o fato de que o discurso para além da sua relação constitutiva com a alteridade, tão bem descrita inicialmente por Mikail Bakhtin/Volochinov (2014) e depois por Authier-Revuz (2001), na sua teoria da heterogeneidade – constitutiva; mostrada marcada e mostrada não-marcada, é também a possibilidade de a subjetividade se mostrar. O que Possenti (1995) propõe não é uma releitura do aparelho formal da enunciação, proposto por Benveniste (1989), muito menos um retorno ao elemento subjetivo de Bréal (1992), mas mostrar, talvez, no melhor estilo Carlo Ginzburg (2017), que o sujeito tem uma liberdade condicionada, isto é, apesar de ser determinado pelas e para além de regularidades linguísticas, essa subjetividade pode tomar corpo linguístico.

A nossa questão aqui não é confirmar o infirmar a tese de Possenti (1995) sobre a subjetividade mostrada. O nosso problema é de outra natureza, ou seja, é discutir em que medida dados metalinguísticos, produzidos por não-especialistas em estudos das ciências da linguagem, os linguistas populares, podem se transformar em hipóteses teóricas para os estudos do discurso. É preciso dizer, com efeito, que assim como Dostoiévski não formulou em seus romances uma teoria polifônica da linguagem, coube a Bakhtin esse gesto teórico, não estamos afirmando, que os não-especialistas ao produzirem práticas linguísticas (Paveau, 2018/2021), notadamente as metalinguísticas, formulam dispositivos teóricos discursivos. Cabe a nós, especialistas da linguagem, produzir os gestos teóricos com base nas práticas linguísticas dos não-especialistas.

Os não-especialistas estão preocupados com outros tipos de problema, por exemplo intervir na sociedade, como é o caso do perfil @amandinhamenelau: “(...) e uma dica massa é tu consumir o cinema nacional produzido fora do eixo Rio-São Paulo. Assim, tu vai poder observar o jeito de

cada lugar falar, sem ficar preso aos estereótipos que são frequentemente reproduzidos quando só o sudeste fala pelo Brasil inteiro”.

Nesse sentido, embora pouco numerosos, os nossos dados nos mostram que o discurso enquanto estrutura e acontecimento é também a possibilidade da inventividade. Dito de outro modo e para brincar seriamente com o título do livro de Authier-Revuz (2001), o discurso é também a possibilidade das *não-reincidências do dizer*.

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2001.
- BAKTHIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na linguagem**. São Paulo, SP: Hucitec Editora, 2014.
- BARTHES, R. **A aula**. Trad. São Paulo, SP: Cultrix, 1980.
- BARONAS, R. L. & COX, M. I. P. **Linguística popular/Folk linguistics: práticas, proposições e polêmica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães [et al] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.
- BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo/Campinas, SP. Editora da PUC/SP e Pontes Editores, 1992
- FONSECA, R. O. Discurso: estrutura ou acontecimento (Resenha). IN: Conexão Letras. UFRGS, 2010.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: a história de um moleiro perseguido pela inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. 2 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.
- MAINGUENEAU, D. **O discurso literário**. Trad. Adail Sobral. 2 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006.
- _____. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010.

MENELAU, A. “Caba”, “raparigar” e outras palavras que aparecem no filme “O Agente Secreto” @amandinhamenelau – Instagram. Recife, PE: 11/03/2026. Disponível em <https://www.instagram.com/p/DVv82yTRx5C/> Acesso em 30/04/2026.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Trad. Julia Lourenço COSTA e Roberto Leiser BARONAS [et al]. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

_____. **Linguística folk: uma introdução**. Org. Roberto Leiser BARONAS, Tamires Bonani CONTI e Julia Lourenço COSTA. Araraquara, SP: Letraria Editora, 2021.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

POSSENTI, S. O "eu" no discurso do "outro" ou a subjetividade mostrada. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 39, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3969>. Acesso em: 30 abr. 2026.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo, SP: Martins Fontes 2019.

ROSA, J. G. O famigerado. IN: Primeiras estórias. 38 Imprensa. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1988.

Recebido em: 16-05-2026

Aprovado em: 01-06-2026